

---

## ***Memória e Histórias de Vidas de vítimas do Coronavírus no Brasil: Uma análise sobre o Projeto Inumeráveis***<sup>1</sup>

Camila Leite de ARAUJO<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Amazonas, Manaus - AM

### **RESUMO**

Este artigo objetiva discutir o papel central das histórias de vidas como provocadora de reflexões, discussões, de empatia e formadora de memórias. A pandemia de Covid-19 é um momento grave. Agrava-se pelo deslocamento dos ecossistemas de informação na cibercultura. Como recorte, selecionamos o projeto “Inumeráveis: Memorial dedicado à história de cada um das vítimas do coronavírus no Brasil”. A partir de uma análise estética, da cultura do compartilhamento, e do método de produção das histórias; concluímos que o projeto favorece a constituição de uma consciência coletiva das histórias de vidas das vítimas configurando-se também como uma ferramenta política, de afeto e luto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Histórias de Vidas; Covid-19; Memória; Cultura Digital; Inumeráveis

### **Introdução**

Este artigo objetiva compreender de que forma as histórias de vidas podem gerar empatia com as vítimas da Covid-19 e com o luto de familiares e amigos de vítimas; conscientizar por meio da arte, jornalismo e redes sociais. Especificamente, realizamos uma análise sobre compartilhamento de histórias de vida durante pandemia da covid-19 no Brasil no Projeto Inumeráveis.

Compreender a relação entre memória, cidadania e respeito por vidas das vítimas da Covid-19 exige uma literatura visual e debates sociais sobre problemas históricos e sua documentação. Refletir sobre o papel dessas obras feitas a partir das histórias de vida, exige uma proximidade com essas imagens e com os comentários atrelados a elas e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora Adjunta no curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco; Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará; especialista em Teorias da Comunicação e da Imagem pela UFC e graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade de Fortaleza. Vice-Líder do IMAGO - Grupo de Pesquisa em Documentos Audiovisuais. E-mail: camilaleite@ufam.edu.br

---

registrados pelas ferramentas de interação das mídias sociais. Ser e fomentar cidadãos engajados e empáticos exige refletir e conhecer sobre essas histórias.

A obra é idealizada pelo artista Edson Pavoni em colaboração de uma grande equipe que faz uma curadoria coletiva das histórias de vida e a partir delas criam versos e prosas contando um pouco sobre cada uma das vítimas. Apesar de representarem histórias de pessoas distintas, de realidades e contextos únicos, o projeto constrói um imaginário e uma memória coletiva sobre as histórias pessoais de cada uma das vítimas compartilhadas ao projeto por familiares, amigos ou jornalistas. Uma que marca momento histórico no Brasil de perdas; objetivando homenagear e visibilizar os significados de vidas perdidas e o luto de familiares e amigos.

As imagens digitais, no contexto das mídias sociais, circulam ao serem compartilhadas, comentadas e curtidas, permitindo um maior alcance e interação com os demais seguidores da rede. Lewis (2016) ressalta a necessidade de que as imagens e as histórias das vítimas da pandemia sejam vistas para melhor compreensão e conexão social com os impactos humanos causados pelo vírus ao possibilitar a percepção do real, superando a análise fria das estatísticas e mostrando o impacto da covid-19 sobre a vida das pessoas que não podem ser tratados apenas como números.

A pandemia da Covid-19 atinge o Brasil desde o início do ano de 2020, infectou 2,9 milhões de pessoas e vitimou 150 mil vidas. O Brasil destaca-se no ranking como segundo país do mundo em óbitos e infectados. As mortes superam soma de vítimas de homicídios e de acidentes de trânsito em 2019. Vidas perdidas pelo vírus, mas também por irresponsabilidade civil e pela omissão política.

É importante ressaltar que uma revisão dos dados de mortalidade em inúmeros países aponta para “mortes em excesso”, ou seja, mortes muito acima da média histórica, sugerindo que o impacto humano da pandemia vai além dos dados oficiais. Muitas vítimas não tiveram sua morte computada por Covid-19, também, outros casos podem ser resultados da sobrecarga do sistema de saúde ou de complicações causadas direta ou indiretamente pela pandemia

Guilherme Weneck e Marília Carvalho (2020, p.1) apontam que o insuficiente conhecimento científico a respeito do novo coronavírus, sua rápida transmissão e possíveis adaptações “*geram incertezas sobre as melhores estratégias a serem utilizadas para o enfrentamento da pandemia*” em diferentes países. Desafios estes que se tornam

---

maiores no contexto brasileiro de desigualdade social, “*condições precárias de habitação e saneamento, sem acesso sistemático à água e em situação de aglomeração*”.

A constante expansão da internet, das redes sociais e dos dispositivos móveis gera uma constante evolução da indústria de informação e de notícia. O presente artigo se propõe a oferecer um quadro conceitual sobre a importância da história de vida como ferramenta de empatia e de memória social na internet. As possibilidades do digital na produção e circulação de imagens e histórias e seu impacto na produção de uma memória sobre a representação das vítimas do coronavírus e sobre seu poder transformador de alterar a história, se amplamente vistas.

### **Os impactos das redes sociais no debate sobre a Pandemia da Covid-19.**

Segundo Arlindo Machado (2007, p.31), ao passo que o mundo natural vai sendo substituído pela tecnosfera novas realidades nos interpelam; por um lado vemos “*o aumento das expectativas de vida, incremento da produtividade, multiplicação das riquezas materiais e culturais, mudanças profundas nos modos de existir, circular, relacionar-se, perceber e representar o mundo*”. Entretanto, não devemos ignorar a “*generalização dos efeitos colaterais, dos riscos de acidentes de toda espécie, centralização da produção e do poder nas mãos de um número cada vez menor de nações e empresas transnacionais, ampliação da exclusão social, do apartheid econômico, dos 'gap entre ricos e pobres, produtores e consumidores, hegemônicos e marginais*”.

Os processos de globalização associados às novas tecnologias interferem na vida de todos os povos e indivíduos ao ponto que “*não há mais como ignorar o fato de que a conexão universal via internet é um fato consolidado e sem retorno*”. Apesar dos discursos utópicos, as tecnologias não promoveram o crescimento material e cultural, ou mesmo a democratização do acesso. As tecnologias, por si só, são neutras; seus resultados dependem de seus usos e da ética de seus sujeitos. E, infelizmente, “*elas avançaram fortemente ancoradas em instrumentos políticos e jurídicos autoritários*”. (MACHADO, 2007, p.33)

O avanço tecnológico e o discurso hegemônico da “*razão utilitarista e fiscalista, que adota como padrão absoluto de ciência tão exclusivamente as ciências duras*” (TESCAROLO, OLIVEIRA, 2007, p.01) na sociedade pós-industrial conseguiu, a partir da promessa utilitarista de um mundo melhor justificando para tal tão somente o desenvolvimento tecnológico implementar um projeto de educação social tecnocrático e utilitarista. Esse discurso hegemônico avançou pela história garantindo o controle da

---

geopolítica econômica internacional, o controle do trabalho humano, a exploração de trabalhadores em escala global; e suas duras consequências para ecossistema e para a própria humanidade .

Assim, a centralidade das novas tecnologias e as decisões que impactam o futuro e o presente do mundo são tomados por Estados e empresas privadas, sem participação da sociedade, *"escamoteada da discussão por negligência, desconhecimento ou incapacidade crítica"*. (MACHADO, 2007, p.34)

A crença na razão, na objetividade, na ciência absoluta como a certeza de um futuro de uma humanidade esclarecida, emancipada e dominante parece ingênua e cega aos fenômenos sociais percebidos dentro e fora das redes, como a violência, injustiça e exclusão social.

Roy Ascott aponta para o surgimento do fenômeno de uma "consciência planetária ou coletiva" surgir pelas redes, *"resultante da síntese de todos os sujeitos presentes no ciberespaço"*, fazendo com que a rede se configure em um espaço privilegiado, uma *"espécie de 'ágora virtual em que [...] as promessas de uma verdadeira democracia finalmente encontraria a sua expressão acabada"*. (MACHADO, 2007, p.35)

Assim, o debate político no ciberespaço e a consciência planetária resultado das interações dos sujeitos em rede parecem indicar que o vazio deixado no debate político dos últimos anos, a falta da humanização como consequência da sociedade tecnocrata e seus projetos educacionais e formativos em áreas do saber exclusivamente técnicos e carentes de uma formação humana e social.

Segundo Horkheimer (2002, p.32) *'quanto mais emasculado se torna o conceito de razão, mais facilmente se presta à manipulação ideológica e a propagação das mais glamorosas mentiras"*. O vazio do debate político, resultado do atrofamento crítico do pensamento tecnocrata foi agravado pela disseminação de notícias falsas pelas redes sociais em escalas jamais imaginadas, chamando atenção para o compartilhamento massivo de discursos que obscurecem o debate democrático, a disseminação de informações verdadeiras e o próprio conhecimento científico.

A interconexão da sociedade em rede permite a viralização de conteúdos falsos, mentirosos, parciais e enganosos. A emergência de negócios baseados na coleta massiva de dados para tratamento e análise, assim como o papel negativo desempenhado pela personalização e filtragem de conteúdos por algoritmos, denominado "efeito bolha", podem ser apontados como importantes fatores que propiciam disseminação massiva de

---

notícias falsas a níveis inimagináveis. Na era digital, a desinformação é um fenômeno danoso ao processo político e democrático.

Para Ascott, na rede, o homem " *não é mais um mero espectador passivo, incapaz de interferir no fluxo das energias e ideias [...] se multiplica pelos nós da rede e se distribui por toda parte, interagindo com outros participantes*" (MACHADO, 2007, p.35). Segundo o autor, as relações intersubjetivas e sociais, assim como a natureza dos sujeitos estão sendo profundamente afetadas a partir do conceito de conexão.

Desta forma, os usuários submetidos ao "filtro bolha", passam a serem expostos a conteúdos que confirmam suas próprias convicções, gerando uma segregação ideológica na sociedade e o aumento da polarização política. (SCHIFFER, 2019). Nesse sentido, os sujeitos passam a consumir, produzir e compartilhar conteúdos que reforçam pontos de vistas isolados do amplo debate democrático.

O relatório produzido em 2018 pelo *High level Group on Fake News and Online Desinformation*, iniciativa criada pela Comissão Europeia, definiu desinformação como produção ou distribuição de "informações falsas, imprecisas, enganosas, que foram apresentadas e promovidas intencionalmente para causar dano público ou gerar lucro"(p.10). Já o termo *fake news* é usado para um amplo espectro de conteúdos, desde informações incorretas ou imprecisas, apontadas como erros da atividade jornalística, à informações intencionalmente enganosas distribuídas de forma massiva por influenciadores digitais, perfis falsos e robôs.

Os fenômenos da desinformação e das *fake news* são agravados pelo descrédito na mídia tradicional e no enfraquecimento vivenciados pelos meios de comunicações tradicionais na contemporaneidade e nas próprias instituições comunicacionais, científicas e políticas. Há, portanto, um deslocamento dos ecossistemas de informação na cibercultura, onde conteúdos são produzidos a partir da ausência de fontes confiáveis.

O relatório aponta uma solução baseada em cinco pilares para combater a desinformação: Proteger a diversidade e sustentabilidade do ecossistema midiático; Promover iniciativas de educação midiática; Garantir a transparência dos ecossistema de notícias; promover pesquisa contínua sobre os impactos da desinformação para acompanhar a efetividade de medidas tomadas; Fortalecer usuários e jornalistas para se apropriarem de um ambiente tecnológico em rápido desenvolvimento.

A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), autoridade em saúde pública no Brasil, em um estudo coordenados pelas pesquisadoras Claudia Galhardi e Maria Cecília de Souza

---

Minayo, apontou as principais *fake news* sobre a Covid-19 recebidas pelo aplicativo *Eu Fiscalizo*. Um balanço das denúncias de *fake news* recebidas entre os dias 17 de março e 10 de abril, apresentam o resultado que 65% das desinformações envolviam métodos caseiros para prevenir a Covid-19; 20% mostravam métodos caseiros para curar a doença; 5,7% eram sobre golpes bancários; 5% diziam a respeito de golpes para arrecadar recursos destinados a instituições de pesquisa; e 4,3% qualificaram a doença como uma manobra política.

Na segunda fase do estudo, catalogou as *fake news* denunciadas pelo aplicativo entre os dias 11 de abril e 13 de maio, apontando que: 24,6% das notícias afirmam que a doença é uma estratégia política; 10,1% delas ensinam métodos caseiros para prevenir o contágio do novo coronavírus; 10,1% defendem o uso da cloroquina e hidroxicloroquina sem comprovação de eficácia científica; e 7,2% são contra o distanciamento social.

Segundo as pesquisadoras da Fio Cruz, a disseminação de desinformações e *fake news* durante a pandemia sobre a covid-19 podem comprometer a adesão da população aos cuidados básicos de prevenção, colocando vidas em risco e contribuindo para o descrédito da ciência e das instituições de saúde pública.

É importante perceber que nosso futuro não está fadado ao progresso e a emancipação humana, mas que se estrutura como consequência de um campo de forças ideológicas, no qual se faz necessário um debate crítico que perceba que as ferramentas digitais são instrumentos neutros que podem ser usadas como meio de manipulação política, exacerbação do consumismo desenfreado; ou como um espaço de investigação social, contribuindo para o desenvolvimento da criticidade e do compartilhamento de conhecimento libertário.

Refletir sobre o papel da memória nesse momento exige uma proximidade com as histórias de vida, as imagens e com os comentários atrelados a elas e registrados pelas ferramentas de interação das mídias sociais. Ser e fomentar cidadãos engajados aos problemas sociais evidenciados e provocados pela pandemia exige refletir sobre os contextos históricos que agravam a situação brasileira.

Lewis (2016) afirma que, mais do que nunca, as pessoas congregam, vivem, adoram e aprendem com aqueles que lhe são semelhantes. De forma que nos aproximamos cada vez menos daqueles que não compartilham nosso ponto de vista político e religioso. Defende que a forma como nos mantemos conectados depende da função das imagens para processamos mundos diferentes dos nossos próprios. Assim,

---

acreditamos que o uso de ferramentas como as histórias de vidas pode atravessar nossos abismos sociais.

Para a autora, a afirmação da dignidade da vida humana não pode ser empreendida sem a representação justa. A representação das vidas perdidas e do sofrimento social e familiar pelo coronavírus é uma tarefa na qual a fotografia e o vídeo são centrais e indispensáveis.

A constante expansão da internet, das redes sociais e dos dispositivos móveis gerou uma constante evolução da indústria de informação e de notícia. No decorrer do registro fotográfico da pandemia, fotógrafos locais passaram a compartilhar as imagens de como o vírus afetava suas regiões e as vidas das pessoas, de forma a produzir um conteúdo que chamou atenção de novos seguidores, de veículos comunicacionais de abrangência nacional e internacional.

### **Histórias de Vidas e Memórias**

O poder de narrar e registrar a História, normalmente, se concentra em poucas pessoas e instituições. De forma que apenas a narrativa oficial é preservada e repetida. Na superação desse padrão, cada comunidade pode tornar-se produtor e difusor de sua própria história, garantindo uma nova memória plural e democrática.

Vive-se hoje a digitalização das práticas comunicativas e representacionais. Novas questões inseridas pelo digital transformam o modo de nos relacionarmos com os conteúdos, produção e distribuição das narrativas amadoras. Nesse sentido, a memória coletiva é um espaço de contestação.

A disputa de poder pela possibilidade de escrever a história desperta a necessidade de focar no processo e no debate mais do que no simples compartilhar de conhecimento. Ao veicular coletivamente essas narrativas sobre a própria história de um grupo, e depois compartilhar publicamente nas redes virtuais remontam, a uma narrativa e visualidade do “eu/ grupo”. Portanto, essas narrativas ferramentas auto identitárias. Um processo de modelação da própria história que os sujeitos passaram a experimentar, narrativas que representam mais um instrumento de comprovação de vivências, acompanhando o desenvolvimento da vida cotidiana do grupo.

A história passa a ser entendida com um processo vivo, feito no presente e que reflete os processos sociais vividos. Mais do que lembrar do que foi vivido, a narrativa histórica transmite valores de mundo, auxilia na compreensão do presente e apresenta potencial valioso para o desenvolvimento social.

### **Análise do Projeto Inumeráveis**

Inumeráveis é uma obra idealizada pelo artista Edson Pavoni com a colaboração de uma grande equipe que faz uma curadoria coletiva das histórias de vida e a partir delas criam versos e prosas contando um pouco sobre cada uma das vítimas. Tem como colaboradores: Rogério Oliveira, Rogério Zé, Alana Rizzo, Guilherme Bullejos, Gabriela Veiga, Giovana Madalosso, Rayane Urani, Jonathan Querubina e jornalistas e voluntários que adicionam histórias ao memorial. Segundo eles, optar por um trabalho em rede colaborativo faz parte das escolhas estéticas do projeto, *“queremos sublinhar a força da empatia e da cooperação entre as pessoas. Vivos ou mortos, Nuca seremos números”*. (INUMERÁVEIS, 2020).

O projeto se dedica a investigar, produzir, compartilhar e arquivar as histórias de vida sobre vítimas da pandemia compartilhadas por amigos, familiares e jornalistas. A partir da ideia que *“não há quem goste de ser número, gente merece existir em prosa”*, o projeto se apresenta como um *“esforço artístico, poético e jornalístico de contar cada uma dessas histórias constituindo uma obra que celebre cada uma dessas vidas e entrelaça-las para construir memória, afeto, respeito e futuro”*. (INUMERÁVEIS, 2020).

Apesar de representarem histórias de pessoas distintas, de realidades e contextos únicos, o projeto constrói um imaginário e uma memória coletiva sobre esse momento histórico no Brasil dando importância à cada pessoas que perdeu sua vida; e a cada família que está sofrendo por essas perdas. Neste sentido, o projeto contribuiu para o desenvolvimento de uma memória social sobre as vítimas do novo coronavírus no país.

O Projeto conta com um *site* e um *Instagram*. As produções de conteúdos são impactadas pelo digital não apenas por possibilitar a multiplicação com a diminuição dos gastos envolvidos, como também uma maior circulação através das de redes virtuais.

No Instagram @Inumeráveis, histórias de vítimas do coronavírus são compartilhadas a partir de uma imagem de fundo único, uma arte única para todos os posts, na qual há um texto que apresenta o nome de uma das vítimas, a idade e um breve epitáfio.



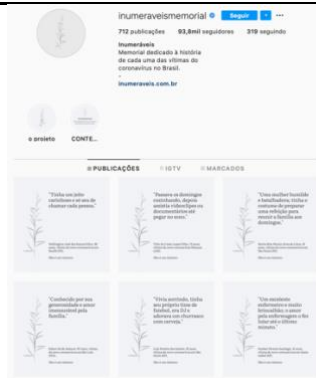


Figura1: *Feed Instagram @Inumeráveis.*



Figura2: *Post em detalhe*

Assim, a partir de uma imagem de fundo padrão, o projeto tem como desafio criar uma vitrine de exposição sistemática dessas histórias, construindo um imaginário e uma rede de memórias sobre essas vidas. Trata-se de uma imagem com fundo Branco, uma planta acinzentada a ilustra. Vemos pela Figue1 que o modelo cria uma estética em comum que marcam individualmente as histórias pessoais compartilhadas e que as conectam em pertencimento umas às outras. Todos os *posts* após a epígrafe, o nome, idade e região da vítima, a frase: “*Não é um número*”.

Na Figura2, vemos em detalhe um post com a história de Vanessa Nascimento da Silva, 29 anos; vítima do coronavírus em Coari (AM). No texto do post “*Inumeráveis é um memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil. Visite o site [www.inumeraveis.com.br](http://www.inumeraveis.com.br) e leia essa e outras homenagens. #nãoéumnúmero#inumeráveis*”. Ao lado, vemos algumas das interações possíveis feitas. O post foi curtido por 1.860 pessoas, e comentado por 60 pessoas. A maioria dos comentários são feitos por ícones de corações, mãos em prece, rostos tristes. Mas também registrou “*29 anos. Meio século ainda por viver*”; outro “*Ahhh...Tão jovem!*”.

No site, na página de abertura, apresenta-se o nome do projeto: Inumeráveis, com a arte da uma planta ao lado. E abaixo, a definição “*um memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do novo coronavírus no Brasil*”. Então inicia-se um longa lista de nomes de mulheres e homens, de várias idades, vítimas do coronavírus e homenageados pelo projeto.

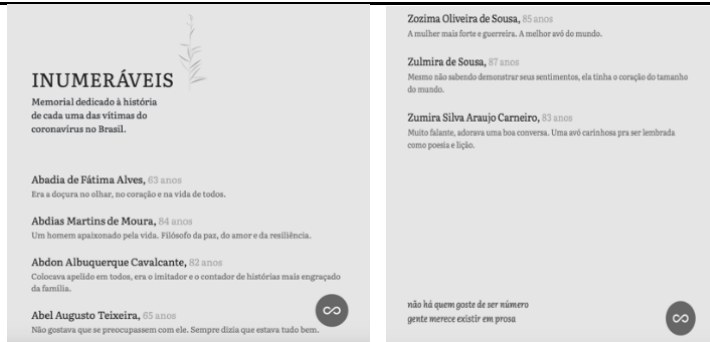


Figura3: *Print do site.*

Trata-se de uma lista, em ordem alfabética, com os nomes de cada uma das vítimas, suas idades e um breve epitáfio. “[...] Adenil Severino Silva, 76 anos – *O padrinho de mais de 20 crianças, que sorria por bobagens e era uma pessoa alegre e cheia de vida.*” Cada nome apresenta um hiperlink para uma página com mais informações sobre aquela pessoa. Ao clicar no nome de Adenil, por exemplo, a informação:

Adenil nasceu e morou por toda a sua vida no bairro da Aurora, em Recife. Foi um dos primeiros moradores do local a ter carro e a aquisição trouxe a ele o título de padrinho de mais de 20 crianças: sempre se disponibilizava a ajudar a população local, deslocando pessoas doentes aos hospitais e futuras mães para maternidades, estas que, por gratidão, o convidavam para ser padrinho de seus filhos. Sua empatia e compaixão o tornaram alguém muito especial. Após ficar viúvo de sua primeira esposa, Maria de Lourdes, casou-se com Sônia Maria, com quem viveu até os seus últimos dias. Teve cinco filhas: Andréa, Cinthia, Milena, Elaine e Ladjany. As suas meninas o fizeram avô de Vinícius, Vitória, Camila, Guilherme, Júnior, Marcela e Pedro. Foi um excelente marido, pai e avô. Amoroso, respeitador e dedicado, estava sempre disponível para quem precisasse. Era um pouco teimoso, mas tinha um coração do tamanho do mundo e uma fé inabalável. Sorria por bobagens e era uma pessoa alegre e cheia de vida. Adenil nasceu em Paulista (PE) e faleceu em Recife (PE), aos 76 anos, vítima do novo coronavírus. (INUMERÁVEIS, 2000).

Por último a informação que o testemunho foi “*enviado pela filha de Adenil, Ladjany Cristina da Silva Lira; o tributo foi apurado por Janaina Dias, editado por Raiane Cardoso, revisado por Lígia Franzin e moderado por Rayane Urani em 25 de junho de 2020*”. Ou seja, os testemunhos enviados pelo site por amigos ou parentes da vítima por meio de questionários são direcionados a um dos jornalistas voluntários do projeto, que podem vir a coletar mais elementos por meio de uma entrevista curta e escrevem o texto do tributo. É oferecido, também, a quem presta homenagem a descrever com suas palavras a vítima. (INUMERÁVEIS, 2020).

Há duas opções para o envio de histórias por familiares: escrevendo diretamente o memorial por meio da ajuda de um formulário; e fornecendo informações para que os voluntários escrevam a história da vítima. No primeiro caso, o formulário contém

---

instruções para criar um modelo padrão sobre as informações e dicas do que se lembrar para escrever o texto. Para quem prefere que o texto seja escrito pela equipe do projeto, há a opção de responder a outro questionário, ou enviar áudios pelo *what`s up*, e de forma a facilitar o processo pela equipe de jornalistas que irá criar um Texto Tributo para a vítima e inserido no memorial.

Percebemos que o método de captação dessas histórias desempenham um papel importante no projeto. Uma das formas comuns de registrar as histórias de vida é por meio da entrevista, no caso o formulário serve com um direcionamento de uma entrevista feito por meio do texto. Assim, trata-se de uma prática de interação entre dois lados, de forma que alguém conta, alguém pergunta e escuta. Pode-se dizer que a entrevista é um produto em coautoria entre entrevistado e entrevistador (LOPES, 2008).

O objetivo da entrevista é criar um momento de troca entre as partes do projeto, sendo que o assunto da conversa é a história de vida de cada uma das vítimas. Uma pessoa, com uma história particular e que deixou marcas nesse mundo.

No site, em informações sobre o projeto, no decorrer do texto: *“nem todas as vítimas tiveram a chance de ter um velório ou se despedir de seus entes queridos, queremos que tenham ao menos a chance de terem a sua história contada. De ganharem identidade e alma para seguir vivendo para sempre na nossa memória”*.

Atribuir sentido ao passado, especialmente sobre os feitos notáveis das vítimas é uma forma de lutar contra o esquecimento, e, portanto, da morte; é um processo de resistências de vidas. Projetos artísticos sobre a memória é uma estratégia política de resistência e comemoração que atribui valor significativo à rememoração. Percebe-se por meio de alguns comentários nas postagens do perfil Inumeráveis que os familiares e amigos das vítimas que relataram suas histórias anseiam pelo compartilhamento. A valorização do passado ressalta a força do compartilhamento dessas memórias.

### **Considerações Finais**

A relação entre histórias de vida, memória e a reflexão sobre o passado e o presente tornam-se uma preocupação central para as ciências sociais, e mais amplamente, para a sociedade; e favorecem a constituição de uma consciência coletiva a cerca da perda dessas vidas. Com o digital, podemos dizer que há uma globalização e um compartilhamento das políticas das memórias em projetos coletivos, como o Projeto Inumeráveis. A recordação e o compartilhamento de memórias individuais e coletivas

passam a ser essenciais para a formação da identidade brasileira e da empatia entre as pessoas.

Comprovamos por compreender a relação entre memória, cidadania e respeito por vidas, exige uma literatura visual e as imagens em redes sociais tem um papel importante no fomento de debates sociais sobre esses problemas históricos e sua documentação. Assim, acreditamos ser primordial a análise das leituras dessas imagens, que estas sejam amplamente compartilhadas e o entendimento dos seus simbolismos.

A partir de uma análise do projeto memorial Inumeráveis a partir de sua estética, cultura do compartilhamento e método de arrecadação e produção das histórias de vida nos permitem chegar à conclusão que o projeto favorece a constituição de uma consciência coletiva acerca de inúmeras vidas perdidas na crise da pandemia da Covid-19 no Brasil, do compartilhamento das histórias de vidas das vítimas e daqueles que sobreviveram a pandemia mas perderam amigos e entes queridos configurando-se também como uma ferramenta política, de afeto e luto. Na memória social o papel das vítimas e tornam-se relevantes.

## REFERÊNCIAS

BELLOTO, H. L. **Arquivos permanentes:** tratamento documental. São Paulo: Editora FGV, 2007.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade.** São Paulo: Contexto, 2011.

CovidPhotoBrazil. **Instagram.** 2020. Acessado em:  
<https://www.instagram.com/covidphotobrazil/>

DELMAS, B. **Arquivos para quê?** textos escolhidos. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2010.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

KETELAAR, E. **Archives, memories and identities.** BROWN, C. Archives and Recordkeeping: theory into practice. London:Facet Publishing, 2014.

MONTENEGRO, R, D; NUNES, J. Memórias e arquivos na constituição da história – escola politécnica da Paraíba. \_\_\_**IN: III ENCONTRO DE EXTENSÃO DA UFCG, Paraíba, 2008.** Disponível

em:<<<http://www.ufcg.edu.br/~proex/III%20ENC.%20EXT/Artigos%20do%20III%20ENCERX/CULTURA/MEM%20ARQ.pdf>>>.

LEWIS, Sarah. **Visão e justiça.** (2016). The fifth international exposition of contemporary and moder arte. Chicago. Northern Trust

LOPEZ, Immaculada. **Memória Social:** uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local/ . -- 1. ed. -- São Paulo: Museu da Pessoa: Senac São Paulo, 2008.

MACHADO, A. **Arte e mídia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

MONTENEGRO, R, D; NUNES, J. Memórias e arquivos na constituição da história – escola politécnica da Paraíba. \_\_\_**IN: III ENCONTRO DE EXTENSÃO DA UFCG, Paraíba, 2008.** Disponível em:<<

---

<http://www.ufcg.edu.br/~proex/III%20ENC.%20EXT/Artigos%20do%20III%20ENCX/CULTURA/MEM%20ARQ.pdf>>>.

PEREIRO, Xerardo. **Patrimônio cultural**: o casamento entre patrimônio e cultura. **ADRA**: Revista dos sócios do Museu do Povo Galego, Santiago de Compostela, n. 2, p. 23-41, 2006.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992. Disponível em: <<<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>>>

SILVA, A, A. **Memória e Identidade**: o colégio de calçado 1939-1958: da fundação à encampação. 2008. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós Graduação em História Social, USP, São Paulo. Disponível em: <[http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-0912008-153319/publico/TESE\\_ALACIR\\_DE\\_ARAUJO](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-0912008-153319/publico/TESE_ALACIR_DE_ARAUJO)>

WERNECK, G.; Carvalho, M. **A pandemia de Covid-19 no Brasil**: Crônica de uma crise sanitária anunciada. In: Cadernos de Saúde Pública, 2020.